

4

Comunidades sustentáveis e sua relação com a natureza: um olhar a partir de Winnicott

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.¹²³

Unidos na entrega aos outros e no desejo absoluto de um mundo mais humano, resistamos.¹²⁴

Avançando e a partir do entendimento da proposta de reconexão formulada pelos novos saberes ecológicos, propomos o estudo das chamadas ecovilas e de outras comunidades ou agrupamentos sociais sustentáveis, pois os entendemos como uma clara materialização da dita transição paradigmática, vez que são comunidades que se predispõem a viver o novo, possuindo como sustentação filosófica uma visão de mundo holística e sustentável.

O que se quer exaltar com a análise dessas comunidades é a qualidade que possuem de recusar, pelo exemplo, o imaginário único e monocultural criado pelo paradigma moderno. O que se pretende, também, é demonstrar, a partir dos ensinamentos de Donald Winnicott, como as chamadas comunidades sustentáveis, constituem um ambiente favorável para a emergência nos indivíduos do seu verdadeiro *self*.

Na perspectiva do psicanalista inglês, a emergência da singularidade do indivíduo – o verdadeiro *self* – supõe seu acolhimento por um ambiente favorecedor. Ambiente este que adquire diversas feições ao longo da vida do indivíduo, sendo inicialmente representado por uma maternagem “suficientemente boa” e culminando pela configuração de uma sociedade verdadeiramente democrática. Rejeitando a perspectiva dualista e conflitiva própria do patriarcado, o autor sustenta a radical historicidade do indivíduo humano, capaz – quando acolhido amorosamente – de um comportamento criativo e solidário. Sua perspectiva se opõe, portanto, ao paradigma moderno com seu enfoque conflitivo e opressor, fornecendo subsídios para a construção do paradigma do cuidado e da solidariedade.

¹²³ Citação do escritor uruguaio Eduardo Galeano.

¹²⁴ Citação do escritor argentino Ernesto Sabato.

A proposta das comunidades sustentáveis constituírem um ambiente favorecedor à emergência do verdadeiro *self*, tal como entende Winnicott, deriva do fato destas comunidades possuírem, como característica fundante, o respeito à singularidade de cada componente do grupo, sendo um cenário propício à emergência da espontaneidade e da criatividade de cada um de seus membros. Por não se coadunar com os pressupostos modernos, principalmente, com o dualismo ser humano/natureza, tais comunidades representam um modelo de ambiente acolhedor do indivíduo, respeitador de suas especificidades.

As chamadas comunidades sustentáveis ou ecovilas possuem como condição *sine qua non* para sua constituição o viver coletivamente. A união de pessoas que funda uma comunidade sustentável possui como característica a vontade de experimentar ou de resgatar um cotidiano com abundantes momentos e situações vivenciados em grupo. A ideia de se buscar uma vida em comunidade pode estar ligada ao desejo de reverter certa alienação ou individualismo que cerca a maioria das pessoas que constituem a sociedade moderna, tendo o trabalho assalariado como atividade que ocupa a maior parte do tempo de suas vidas.

Essa rotina mecanizada e o individualismo exacerbado pela modernidade limitam as possibilidades de atualização do verdadeiro *self*. O resultado é uma sensação de solidão, alienação e esvaziamento de um sentido maior para a vida que tem levado muitos a repensarem hábitos e comportamentos e a desejarem um cotidiano mais rico em experiências.

Para muitas pessoas conceber uma vida em comunidade traz a oportunidade de resgatar valores e práticas tradicionais que fizeram sentido a seus ancestrais por longos períodos e que, em pouco tempo, perderam seu valor em razão de um imaginário baseado em pressupostos de conquista, dominação e acumulação.

Retomar costumes e visões de mundo tradicionais não necessariamente significa querer voltar ao passado, mas, sim, resistir aos valores impositivos do chamado “mundo moderno”. Reaprender a cultivar seu próprio alimento ou a construir sua própria casa e, mais que isso, sentir que antigos saberes são valorizados dentro da comunidade traz de volta uma dignidade quase impossível dentro da lógica “moderna”.

Independentemente das condições econômica, cultural e social, uma ecovila será sempre uma iniciativa de pessoas sedentas por uma nova maneira de

viver, um jeito diferente de criar relações interpessoais e de estabelecer vínculos mais harmoniosos com a natureza e com o próprio homem. Todas as estratégias usadas pelas ecovilas para criar meios de produzir um viver mais autônomo em relação ao *mainstream*, mais independente de alinhamentos ideológicos governamentais ou de forças corporativas possibilitam um novo olhar sobre a forma de desenvolvimento do indivíduo e da coletividade.

4.1.

O que são comunidades sustentáveis?

Antes de percorrer o caminho de análise do que sejam as chamadas ecovilas ou comunidades sustentáveis, devemos adentrar no conceito de sustentabilidade. Definir sustentabilidade não é algo simples. Uma das razões para isto é que o termo normalmente se coloca na posição de adjetivo: desenvolvimento sustentável, empresa sustentável, ações sustentáveis, etc. Sustentável passa a ser, assim, uma forma de especificar algo, dando-lhe características especiais.

Ao se inaugurar aqui uma discussão sobre sustentabilidade quer se fazer frente a um problema concreto ligado à crise paradigmática, tendo como a crise ambiental seu mais feroz veículo de atuação. Quando este termo é desqualificado, ele perde sua força, desqualificando o próprio debate e postergando a mudança necessária. Muitas vezes as pretensas rupturas não passam de verdadeiro *greenwashing*.¹²⁵ Parece-nos que um tipo de classificação mais adequada aos tipos de prática de sustentabilidade deveria enquadrá-la dentro de um marco que identificasse o grau de “radicalismo” da proposta, ou seja, de quanto ela se aproxima das concepções baseadas no paradigma emergente ou o quanto estão presas aos paradigmas dominantes.

Uma classificação assim poderia separar, de fato, as propostas que tentam uma mudança efetiva nas ações e políticas daquelas que tendem a mudar pouco ou

¹²⁵ Espécie de “maquiagem verde” realizada por empresas ao comunicarem mais ações ambientais (ou socioambientais) do que efetivamente realizam. Consiste na estratégia de promover discursos, anúncios, ações, documentos, propagandas e campanhas publicitárias sobre ser ambientalmente/ecologicamente correto, *green*, sustentável, verde, *eco-friendly* etc. com a intenção primordial de relacionar a imagem de quem divulga essas informações à defesa do ambiente, mas, na verdade, medidas reais que colaborem com a minimização ou solução dos problemas ambientais não são realmente adotadas e, muitas vezes, as ações tomadas geram impactos negativos ao meio ambiente. O *greenwashing* é como uma propaganda enganosa - uma imagem é passada, porém, a realidade é outra.

quase nada, preocupando-se mais com a imagem da mudança do que com a sua profundidade. Esta diferenciação facilitaria o debate em torno do tema e evitaria apropriações que tendem a esvaziar principalmente aquelas propostas que seriam consideradas mais “radicais”. Uma ação sustentável “radical” deve considerar diversas dimensões da vida social do ser humano. Hoje se fala muito do “tripé da sustentabilidade” que envolve as dimensões econômica, social e ambiental, considerando-se que o fenômeno vai efetivamente muito além da questão ambiental.¹²⁶ Na proposta “radical” de sustentabilidade defendida por este trabalho identificamos além das dimensões econômica, social e ambiental, a subjetiva como marco de análise para a utilização da nomenclatura sustentável.

Entendemos as comunidades sustentáveis como um exemplo de proposta “radical” de sustentabilidade. Isso porque, como se verá, tais comunidades propõem uma mudança profunda e estrutural da visão de mundo dominante considerando as dimensões econômica, social, ambiental e subjetiva do ser humano e de sua relação com a natureza.

As comunidades sustentáveis, também chamadas de ecovilas, são comunidades em constante formação e desenvolvimento. Elas são, cada uma à sua maneira, como grandes laboratórios de novas possibilidades para o século XXI. Recentemente, a Rede Global das Ecovilas¹²⁷ reformulou a definição usada para o termo ecovila como sendo uma comunidade intencional ou tradicional planejada conscientemente em uma propriedade, com processos participativos para a regeneração social, ambiental e cultural.

Assim como as chamadas ecovilas, há incontáveis projetos de sustentabilidade espalhados pelos quatro cantos do planeta. A diferença é a sua capacidade – e, ao mesmo tempo, desafio – de reunir em um único “experimento” os mais diversos aspectos que se pode imaginar como parte da tentativa de se buscar um mundo mais “radicalmente” sustentável.

As ecovilas ou comunidades sustentáveis fazem parte de um ramo de maior abrangência denominado comunidades intencionais. O conceito de comunidade intencional está ligado a todas as práticas experimentais ou tentativas de comunidades que surgem de forma não espontânea com relação aos padrões sociais (instituições) dominantes de uma dada sociedade, e podem referir-se tanto

¹²⁶ SACHS, I. *Caminhos para o desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

¹²⁷ <http://gen.ecovillage.org/>. Acesso em 20 jan 2015.

às práticas mais ancestrais, como as comunidades cristãs na Roma Antiga, quanto as mais recentes, como as comunidades *hippies* e as próprias ecovilas, por exemplo.

Segundo Metcalf e Christian ¹²⁸, comunidades intencionais são “formadas quando grupos de pessoas escolhem viver juntas ou próximas o suficiente para buscar um estilo de vida compartilhado com um propósito comum”. A chave principal que une uma comunidade intencional seria justamente a intenção, a escolha do estilo de vida, mais do que simplesmente o compartilhamento do lugar comum.

As comunidades intencionais podem ser de diversos tipos, sendo sua classificação difícil por causa dessa diversidade - elas podem ser seculares ou religiosas, mais coletivistas ou individualistas, tanto no aspecto da propriedade quanto da renda; do ponto de vista político, podem ser mais radicais, liberais ou conservadoras ou mesmo nenhum deles; umas podem dar um valor muito alto à questão ambiental, enquanto outras podem ignorar este aspecto; elas podem nem mesmo ser contrárias à cultura dominante, mas apenas trabalhar aspectos que sejam complementares a esta. As comunidades intencionais podem ainda ser auto-organizadas, organizadas pelo Estado ou por alguma instituição em particular (igrejas, por exemplo); elas podem estar situadas em regiões urbanas (como o exemplo do *cohousing*¹²⁹) ou rurais; podem estar mais isoladas ou organizadas em grandes redes e confederações (como as comunidades Yamagishi, do Japão, que também estão presentes no Brasil).

Ecovilas são manifestações relativamente recentes de comunidades intencionais. Entretanto, o fenômeno das comunidades intencionais remonta de longa data, como a comunidade Homakoeion, fundada por Pitágoras em torno do ano 52 aC. Sabe-se, contudo, de comunidades intencionais ainda mais antigas,

¹²⁸ METCALF, B; CHRISTIAN, D. *Intentional Communities*. In: Encyclopedia of Community. 2003. SAGE Publications. http://www.sageereference.com/community/Article_n253.html. Acesso em 20 jan 2015.

¹²⁹ Uma primeira “versão” das ecovilas batizada de cohousing teria nascido nos anos 70 na Dinamarca. Espalhou-se logo depois para a Suécia e Noruega e, após, para Estados Unidos, Canadá e Austrália. O termo foi cunhado pelo casal de arquitetos Katie McCamant e Chuck Durrett (autores do livro *CoHousing: a Contemporary Approach to Housing Ourselves*, publicado em 1988) que argumentavam que as cohousings poderiam ser uma solução dinamarquesa para os problemas da sociedade pós-industrial, no final do século XX. Naquele contexto, existiam novos movimentos sociais, ligados mais à classe média do que às classes de trabalhadores e que enfatizavam valores colaborativos e um estilo de vida alternativo e não consumista a partir de ideais que agregavam ambientalistas, feministas e pacifistas. CAPELLO, G. *Meio Ambiente & Ecovilas*. São Paulo: Senac, 2013, p. 49.

como a dos essênios, onde se acredita que Jesus Cristo tenha vivido. Há relatos de comunidades na Índia antiga fundadas por seguidores do Buda (os *sanghas*, cerca de 500 aC) e de *ashrams* (comunidades espirituais) que teriam sido criadas em torno de 1500 aC.¹³⁰ Muitas outras foram criadas ao longo do tempo e ainda hoje, como a dos cristãos primitivos; os conventos, na Idade Média; os grupos protestantes radicais, no século XVI; e as comunidades dos socialistas utópicos, no século XIX, apenas para trazer alguns exemplos.

Santos Júnior¹³¹ aponta que as ecovilas têm um laço histórico mais estreito com as comunidades que surgiram principalmente após a segunda guerra mundial, nos países centrais, e tinham como características o fato de serem movimentos contestatórios e libertários, que visavam questionar todos os setores constituídos da sociedade da época: hábitos, ideias, corporeidade, arte, organização política, espiritualidade, estrutura produtiva e social, tecnologia, o que implicava também em uma mudança de valores e na forma de relacionamento com a natureza. Diversos movimentos representavam esta forma de agir e pensar, ficando conhecidos genericamente como contracultura, e incluíam temas como ecologismo, feminismo, pacifismo, movimento negro, *hippies*, etc.

Santos Júnior¹³² defende, ainda, que, apesar de as ecovilas serem herdeiras das comunidades intencionais surgidas após a metade do século XX, continuando algumas de suas características, elas produzem uma síntese de um amplo leque de experiências, que abarca muito da história das comunidades intencionais, e que tiveram, em sua época, igualmente um caráter de contestação e de tentativa de definição de outro tipo de vivência em sociedade, como o exemplo do socialismo utópico, ou do movimento quilombola, que ensejou a construção de quilombos com uma grande longevidade.

As ecovilas, de uma forma geral, se assentam no debate que envolve as questões de esgotamento da natureza, por um lado, e os crescentes desníveis sociais, por outro. Esses dois pontos fundam um dos propósitos no qual se assenta as ecovilas: uma transformação na forma do relacionamento com a natureza, que implica fundamentalmente numa mudança na maneira como ela é percebida –

¹³⁰ MOHANTY, B. *Intentional Communities*. In: Encyclopedia of Community. 2003. SAGE Publications. Disponível em http://www.sagereference.com/community/Article_n266.html. Acesso em 20 jan 2015.

¹³¹ SANTOS JÚNIOR, S. *Ecovilas e Comunidades Intencionais: Ética e Sustentabilidade no Viver Contemporâneo*. III Encontro da ANPPAS. Brasília: Anais, 2006.

¹³² Ibidem, p.38.

deixando de ser um pano de fundo, com todas as implicações que isto tem, e passando a ter um papel central nas atividades humanas – que deveriam se integrar a ela como num sistema, adotando-se uma forma de viver com baixo impacto ambiental e a busca da definição de um novo formato de estruturação social que superaria a dicotomia entre os assentamentos rurais e urbanos e que se estabeleceria sobre valores comunitários, implicando em, por exemplo, respeito à diversidade, a cooperação, a solidariedade, a autonomia, a liberdade, e novamente, o profundo respeito à natureza; na primeira perspectiva está em foco a vivência em harmonia com a natureza; na outra, a vivência em harmonia com os outros.

Estas características fazem com que as ecovilas sejam singulares em cada uma de suas iniciativas, tendo, entretanto, uma unificação a partir do fato de elas serem, ao mesmo tempo, intencionais e sustentáveis, desde que o conceito de sustentabilidade seja entendido de forma “radical” como apontado. Tais experiências reais de uma vida menos pesada para a Terra incluem, entre outros, o planejamento de um determinado espaço, a construção de sua infraestrutura, a criação de condições básicas e mais autônomas de acesso à água, à energia e ao saneamento, o desenvolvimento de uma produção local de alimentos livres de agrotóxicos e de práticas poluentes, a formação de um grupo a partir de propósitos que devem estar claros a todos, um conjunto de valores a partir dos quais a comunidade estabelece estratégias que possam ser cada vez mais coerentes com o discurso, além de características e reflexões relacionadas à cultura, à economia, à saúde e à educação.

Construir-se como uma comunidade é o primeiro de cinco aspectos usados por Dawson¹³³ na tentativa de garimpar elementos necessariamente presentes nas ecovilas. Assim, a condição primordial a toda e qualquer ecovila é ser uma comunidade. Uma comunidade se forma a partir da união de pessoas, da vontade de experimentar ou de resgatar um cotidiano com muitos momentos e situações vivenciados em grupo. Fazer parte de uma comunidade abre portas para uma solidariedade quase que “necessária”, com poder de se transformar em abundância por meio do trabalho coletivo, da ajuda mútua, da partilha de bens e do esforço conjunto.

¹³³ DAWSON, J. *Ecovillages: new frontiers for sustainability*. Dartington: Green Books, 2006.

Independentemente das condições econômica, cultural e social, uma ecovila será sempre uma iniciativa de pessoas sedentas por uma nova maneira de viver, um jeito diferente de criar relações interpessoais e de estabelecer vínculos mais harmoniosos com o meio ambiente. Este é o segundo ponto comum a toda comunidade intencional centrada na redução de impactos socioambientais, na melhoria da qualidade de vida e no aprimoramento da autonomia de seus moradores.

Um terceiro ponto presente em todas as ecovilas diz respeito à intenção de tomar de volta o controle de seus recursos, o que quer dizer ter o direito de escolher o que elas querem comer, onde e em que tipo de casas desejam morar e se proteger, que tipo de energia irão utilizar em seus lares, de que forma pretendem criar seus filhos, etc., sem que, para isso, elas tenham que se tornar reféns de uma conjuntura com a qual não concordam.

Em uma ecovila, todas essas decisões são resultado de reflexões e da construção de um ideal que gera um consistente corpo de valores comuns, o quarto aspecto que define estas comunidades. Cada ecovila construirá seu próprio conjunto de propósitos capaz de unir as pessoas e mantê-las juntas. Cada comunidade, a depender de seu contexto, estabelecerá valores que, de maneira geral, perpassarão por temas relacionados à espiritualidade, ao livre pensar, à justiça global, ao servir e à convicção de que é preciso trabalhar para restaurar o meio ambiente e a natureza.

O último ponto comum recai sobre o desejo e vocação natural de construírem-se como centros de pesquisa, educação, demonstração/treinamento de técnicas sustentáveis. Reunindo estes cinco elementos que permeiam todas as ecovilas, Dawson¹³⁴ estabeleceu uma definição para estas comunidades:

Ecovilas são iniciativas de cidadãos comuns, nas quais o impulso comunitário é de central importância, que buscam retomar, em alguma medida, o controle sobre os recursos da comunidade, que têm uma forte base de valores compartilhados (com frequência entendidos como “espiritualidade”) e que atuam como centros de pesquisa, demonstração e treinamento.

Existem 347 ecovilas registradas na GEN¹³⁵ - *Global Ecovillage Network* - sendo 147 na sua divisão europeia, 48 na sua divisão da Ásia e da Oceania e 152 na americana. Este número pode ser bem maior, chegando a 15.000 iniciativas no

¹³⁴ Ibidem. p.36.

¹³⁵ GEN. Global Ecovillage Network. <http://gen.ecovillage.org>. Acesso em 20 jan 2015.

mundo se forem considerados parâmetros mais inclusivos.¹³⁶ A ONU aponta estas iniciativas como “modelo de excelência de vida sustentável”.

A GEN define ecovilas como sendo comunidades urbanas ou rurais de pessoas que lutam para integrar um meio ambiente apoiado no social com um modo de vida de baixo impacto. Para alcançar tal intento, elas integram vários aspectos do *design* ecológico, permacultura, construção ecológica, produção verde, energias alternativas, práticas de construção comunitária entre outros.¹³⁷

Com base também na noção de comunidades intencionais, a GEN aponta que a motivação para a constituição das ecovilas está na escolha e no compromisso de reverter os problemas atuais do nosso planeta, provocados pelas práticas destrutivas que se dão nas esferas sociais, culturais e ambientais. Neste sentido, a rede aponta que, de fato, sempre existiram pessoas que viveram - e algumas ainda tentam sobreviver - em comunidades ligadas à natureza e com estruturas sociais mais adequadas, e que hoje as ecovilas são “criadas intencionalmente, de forma que as pessoas podem, ainda mais uma vez, viver em comunidades conectadas com a Terra de uma forma que permita o bem viver de todas as formas num futuro indefinido”.¹³⁸

Todas as definições aqui apontadas trazem alguns elementos em comum: a ideia de que as práticas representam uma nova forma de relação do ser humano com a natureza, baseada em valores diferentes dos predominantes nas sociedades industriais modernas, ou seja, num sentido de integração, de valorização e respeito, em contraposição às ideias de separação, utilitarismo e não reconhecimento de um valor próprio para natureza; a noção de que as ecovilas constituem práticas que vão além da questão ambiental ou ecológica, e avançam sobre a questão social e econômica, buscando a valorização ou a reconstituição de um tipo de relação humana mais harmonizada; e que, apesar de serem herdeiras de diversas práticas tradicionais, constituem um tipo de prática nova.

¹³⁶ KASPER, D.. *Redefining Community in the Ecovillage*. Human Ecology Review, Vol. 15, No. 1, 2008. Disponível em <http://www.humanecologyreview.org>. Acesso em 20 jan 2015.

¹³⁷ Tradução livre. Do original “*Ecovillages are urban or rural communities of people, who strive to integrate a supportive social environment with a low-impact way of life. To achieve this, they integrate various aspects of ecological design, permaculture, ecological building, green production, alternative energy, community building practices, and much more.*” (GEN, 2010)

¹³⁸ Tradução livre. Do original “*Ecovillages are now being created intentionally, so people can once more live in communities that are connected to the Earth in a way that ensures the well-being of all life-forms into the indefinite future.*” (GEN, 2010).

Apesar de cercadas por um contexto de harmonia e coletividade há nestas iniciativas algumas questões relevantes a serem enfrentadas. O primeiro dos aspectos é a governança: algumas comunidades são governadas por líderes carismáticos fundadores, enquanto, outras, são teocráticas e outras, ainda, por líderes eleitos. Outra questão é a resolução de conflitos - já que as comunidades devem aprender a resolver conflitos produtivamente. Toca-se ainda na questão das finanças, que pode variar desde aquelas comunidades em que o indivíduo é suportado pelo coletivo - quando há coletivização geral - até aquelas em que o indivíduo suporta o coletivo. Outro ponto é o recrutamento, em que o desafio é conciliar as propostas da comunidade com a intenção do novo membro.

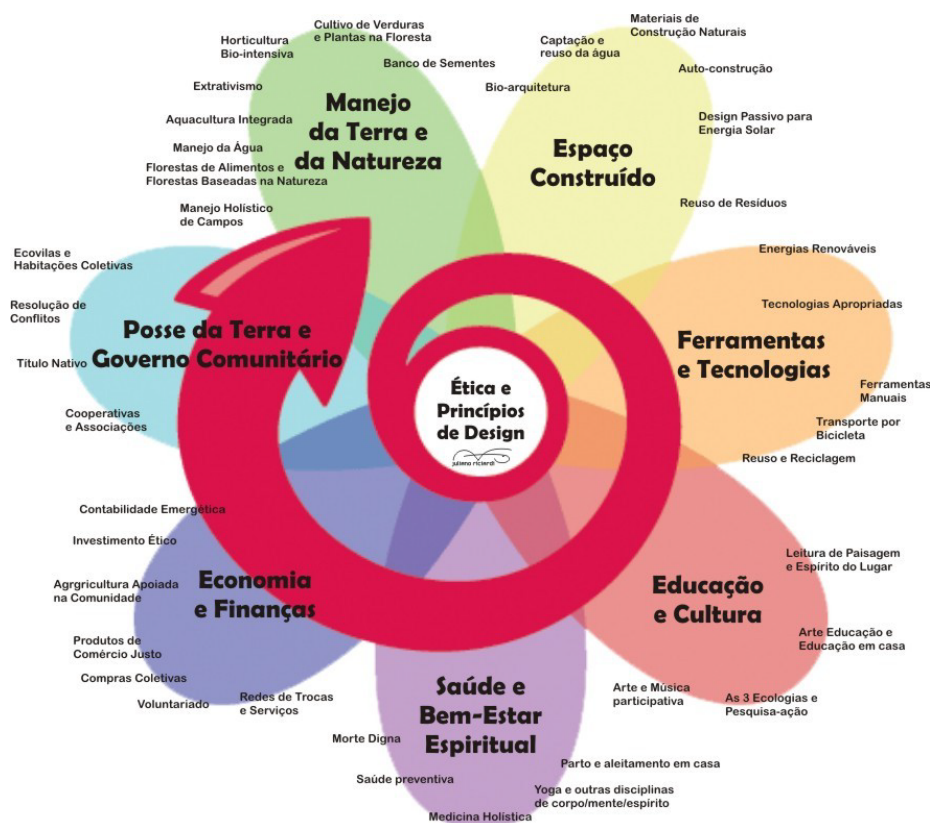
A permacultura é um conceito relevante para o entendimento das ecovilas já que aparece com frequência em textos e discursos ligados às práticas analisadas. Numa definição mais atual de permacultura, Holmgren ¹³⁹ aponta para a noção de: “paisagens conscientemente desenhadas que reproduzem padrões e relações encontradas na natureza e que, ao mesmo tempo, produzem alimentos, fibras e energia em abundância e suficientes para prover as necessidades locais” ¹⁴⁰, o que envolve as pessoas, a forma como se organizam e suas edificações. Este conceito, segundo o autor, representa uma evolução com relação à sua designação inicial (cunhada pelo autor em parceria com Bill Mollison), passando da ideia de uma “*agricultura* permanente ou sustentável” para uma “*cultura* permanente e sustentável”.

A permacultura se constitui a partir de uma orientação eminentemente prática, com a definição de princípios norteados pela visão sistêmica da realidade. Para tanto, deve reunir ideias, habilidades e modos de vida os quais devem ser reinventados e desenvolvidos com o objetivo de tornar o ser humano capaz de prover suas necessidades ao mesmo tempo em que aumenta o capital natural para as futuras gerações. As suas práticas se desenvolvem a partir de sete campos principais, conforme pode ser visualizado na Figura ¹⁴¹, logo abaixo.

¹³⁹ HOLMGREN, D. *Permaculture: Principles & Pathways Beyond Sustainability*. Australia: Holmgren Design Services, 2009.

¹⁴⁰ Tradução livre. Do original em inglês: “*consciously designed landscapes wich mimic the patterns and relationships found in nature, while yielding an abundance of food, fiber and energy for provision of local needs*”

¹⁴¹ Flor da Permacultura. Fonte: <http://escoladepapel.files.wordpress.com/2008/04/flor-dapermacultura.jpg>



Os princípios da permacultura são pensados em termos de aplicabilidade universal, para diversos contextos, embora os métodos específicos de aplicação possam ter uma grande variação em função das características dos locais da sua utilização. Segundo Holmgren ¹⁴², os princípios podem ser pensados como *slogans* ou *check lists* para pensar o *design* e evolução de sistemas de suporte ecológico.

De forma geral, estes princípios podem ser divididos em dois grupos: os éticos e os de *design*. Os primeiros podem ser genericamente agrupados em três principais: a) cuidado com a Terra (solos, florestas e água); b) cuidado com as pessoas (consigo mesmo, com parentes e com comunidades) e c) partilha justa (limites para consumo e reprodução e redistribuição do excedente). Já os segundos são apresentados a partir de doze princípios fundamentais, listados a seguir:

a) *Observe e interaja*: aqui entra em prática a ideia da criação de pensamento de longo prazo e independente, mais do que a duplicação de soluções já desenvolvidas em outros lugares, dado que modelos externos têm menos chances de aplicação, por questões culturais e podem ser menos eficientes devido às

¹⁴² HOLMEGREN, op. cit.

particularidades locais. Tal fato não elimina a possibilidade de “fertilização cruzada”, que é a influência e aprendizado mútuo entre técnicas aplicadas em locais distintos.

b) *Capte e armazene energia*: a ideia aqui é repensar o uso excessivo de energia não renovável, além de aprender a economizar a energia consumida e desperdiçada. Estas fontes incluiriam sol, vento e escoamento superficial de água, além dos recursos desperdiçados nas atividades agrícolas, comerciais e industriais. O estoque para o futuro envolveria questões como solo com alto teor de húmus, sistemas de vegetação perene, corpos e tanques de água e edificações com a utilização passiva da energia solar.

c) *Obtenha rendimento*: o que se propõe é que qualquer sistema ou processo seja pensado para ser produtivo, desde os prazos mais curtos. Em paisagens urbanas, por exemplo, evitar-se-ia a utilização de plantas meramente ornamentais, de forma a se criar sistemas funcionais e produtivos. Tal princípio iria contra à ideia disseminada de desenvolvimento que tende a afastar as pessoas da necessidade de se manter um tipo de ambiente como este, funcional e produtivo, o que é resultado da cultura do assalariamento, em especial. Holmegren ¹⁴³ sugere que um pensamento como este se assemelharia com a de um empresário, no sentido de que o acúmulo de um “capital natural” produziria ciclicamente um acúmulo nos resultados positivos que eles oferecem.

d) *Pratique a autorregulação e aceite o “feed back”*: a busca de sistemas autorregulados é tida como um dos horizontes de trabalho mais importantes da permacultura, embora ele seja dificilmente alcançável de forma plena. A ideia é aprender com os *feed backs* negativos, minimizando seus efeitos (mesmo que eles não possam ou não devam ser totalmente eliminados) e criando os mecanismos que propiciarão esta autorregulação. A base deste princípio está na própria noção de que a Terra é, em si, um sistema autorregulado, o que pode ser percebido pela sua grande homeostase¹⁴⁴ e pelas discussões da Hipótese Gaia¹⁴⁵.

¹⁴³ Ibidem, p. 19.

¹⁴⁴ Homeostase se refere à capacidade de um sistema aberto manter uma condição interna estável para a manutenção da vida, mesmo com mudanças exteriores.

¹⁴⁵ A Hipótese Gaia aponta que a Terra possui comportamentos autoregulatórios que podem ser comparados ao de um ser vivo qualquer. Dada que esta é uma das principais características que fazem com que a vida se mantenha, ela seria, assim, um *superorganismo*, dos quais seriam parte importante tanto os organismos que nela habitam, como todos os seus elementos inanimados.

e) *Use e valorize os serviços e recursos renováveis*: o autor faz, novamente, um paralelo da natureza com a contabilidade: da mesma forma que não é possível indefinidamente se consumir o capital principal de uma empresa, não se pode consumir os recursos não renováveis do planeta sem consequências futuras. A utilização dos recursos renováveis representaria, então, o consumo adequado, porque seria simbolicamente o da renda (juros) sobre o valor principal. A situação ideal, de fato, seria ainda aquela em que não se consome o recurso, como a utilização da sombra de uma árvore ou do serviço de um animal.

f) *Não produza desperdícios*: este princípio contrapõe-se ao modelo de consumo humano, que está estruturado na forma “consumo excreção”, ou seja, pior do que desperdiçar é gerar poluição, um tipo de resíduo que não é reaproveitável de forma produtiva por outras partes do sistema. A ideia é constituir sistemas que possam fazer uso dos produtos e subprodutos internamente, além de definir estratégias para o aproveitamento de “abundâncias indesejadas”, geradas por desequilíbrios nos sistemas.

g) *Design partindo de padrões para chegar aos detalhes*: com este princípio, passa-se à leitura do sistema a partir das características mais gerais (padrões). Parte-se da ideia de que existem traços comuns observáveis na natureza e que podem ser úteis para aplicações em diversas situações. Além disso, supõe-se também que a percepção de novas experiências pode permitir o surgimento de novas soluções àqueles que se encontram demasiadamente submersos na cultura local.

h) *Integrar ao invés de segregar*: o foco aqui é a relação e a conexão entre os diversos elementos. Então, pesam duas premissas principais: a de que cada elemento exerce muitas funções e a de que cada função é importante para vários elementos. Outrossim, propõe-se que seja dada prioridade à constituição de relações cooperativas ou simbióticas, frente às competitivas e às predatórias, já que as primeiras seriam mais robustas às mudanças externas.

i) *Use soluções pequenas e lentas*: considera-se que a escala adequada para os processos seja a da capacidade humana, conforme já anteriormente defendido por Schumacher.¹⁴⁶ Este aspecto refere-se a pequenas atividades domésticas até a compra de pequenos comerciantes locais. Por outro lado, questiona-se a

¹⁴⁶ *Apud* HOLMGREN, op. cit.

velocidade cada vez maior das sociedades modernas, tidas como positivas em si. O exemplo disto é que as plantas de crescimento rápido muitas vezes tem vida curta, ou a adubação com componentes de absorção mais lenta são as que tornam as plantas mais saudáveis.

j) *Use e valorize a diversidade*: por trás deste princípio está a ideia de que a diversidade permite o equilíbrio dos sistemas ecológicos e que, por exemplo, a adoção de monoculturas tem sido a causa da grande vulnerabilidade às pragas e às doenças, requerendo um uso cada vez maior de agrotóxicos e outras tecnologias de cultivo não-sustentáveis. Esta ideia é extrapolada para a cultura humana, pressupondo-se que a sua variedade também é vital para a manutenção do equilíbrio sistêmico.

k) *Use as bordas e valorize os elementos marginais*: a ideia aqui é valorizar aqueles espaços relegados pelo cultivo humano, que são as bordas ou interfaces entre subsistemas. Exemplos disso são os espaços de transição entre área cultivada e floresta, rio e mares, demarcações do espaço urbano, etc. Supõe-se ainda que o melhor aproveitamento (e ampliação) destes espaços possa aumentar a produtividade e a estabilidade dos sistemas.

l) *Use criativamente e responda às mudanças*: parte-se do pressuposto de que a mudança é uma característica inerente da natureza, apoiando, aparentemente de forma paradoxal, a sua estabilidade sistêmica. Com isto, sugere-se a adoção de sistemas transitórios de cultivo, plantas que exercem uma função auxiliar ao cultivo de outras e que podem, após cumprir este papel, ter outro destino. A flexibilidade e a mudança, ao invés de ser evitada, segundo este princípio deve ser estimulada.

Além da permacultura, o conceito de simplicidade voluntária¹⁴⁷ é igualmente central para o entendimento das ecovilas. Segundo Elgin¹⁴⁸, a expressão simplicidade voluntária permite reconhecer explicitamente que um modo de vida mais simples integra os aspectos interiores e exteriores da vida, transformando-os num todo orgânico e cheio de sentido. Viver mais simplesmente significa viver com mais deliberação, intenção e propósito – em suma, uma vida mais consciente - agir de forma voluntária é estar conscientes de nós mesmos, ao

¹⁴⁷ Para um maior aprofundamento, sugere-se a leitura de ELGIN, D. *Simplicidade Voluntária*: em busca de um estilo de vida exteriormente simples, mas interiormente rico. São Paulo: Cultrix, 1993.

¹⁴⁸ ELGIN, op. cit., p.21.

nos movermos através da vida. Isso exige que prestemos atenção não só às ações que praticamos no mundo exterior, mas também que estejamos atentos a nós mesmos enquanto agimos. Na medida em que não percebemos os aspectos interno e externo de nossa passagem pela vida, nossa capacidade de agir voluntária, deliberadamente e com propósito ficará perceptivelmente diminuída.

Ao combinar estas ideias, visando integrar os aspectos internos e externos de nossa vida, podemos descrever a simplicidade voluntária como uma maneira de viver que é exteriormente mais simples e interiormente mais rica, um modo de ser no qual nosso eu mais autêntico e vital é posto em contato direto e consciente com a vida. Este modo de vida não é um estado estático a ser alcançado, mas um equilíbrio dinâmico que deve ser tornado real contínua e conscientemente.

A simplicidade voluntária significa, portanto, simplicidade de objetivos, sinceridade e honestidade íntimas, assim como a renúncia ao acúmulo desordenado de bens, de numerosas posses irrelevantes ao propósito principal da vida. Representa a organização e o direcionamento de nossa energia e desejos, uma contenção parcial quanto a certos aspectos da existência, que tem por finalidade assegurar uma maior abundância de vida.

Para essa concepção, o verdadeiro crescimento é a capacidade demonstrada por uma sociedade de transferir quantidades cada vez maiores de energia e atenção do aspecto material da vida para o aspecto não material e, assim, evoluir em cultura, potencial de compaixão, sentido de comunidade e força democrática.

Os adeptos da vida comunitária experimentam esse estilo de vida mais simples, consumindo menos produtos materiais e midiáticos e valorizando, ao invés do consumo, formas não materiais de gratificação: na convivência, no trabalho criativo, no lazer comunal, na relação com a natureza e nas experiências transcendentais.

O sociólogo Wolfram Nolte ¹⁴⁹ sugere que a vida cooperativa em uma comunidade nos livra do consumo inútil e nos deixa mais tempo para desenvolver e satisfazer nossas necessidades não materiais como a necessidade de conexão

¹⁴⁹ NOLTE, W. *From local communities to the world community: more than a dream?* In: Joubert e Alfred (Ed.). *Beyond you and me: inspirations and wisdom for building community*. Hampshire: Permanent Publications, 2007, p. 271-277.

humana e amor, de beleza na natureza e nas artes, de verdade e de desenvolvimento da nossa criatividade.

É importante frisar que adotar esse estilo de vida não acarreta uma vida de sacrifícios e restrições. A ideia de uma vida com menos consumo está ligada a uma vida mais livre, em que seja possível recusar ou transformar antigos hábitos de consumo em prol de um cotidiano mais leve, menos apressado e sufocado por compromissos ou por um trabalho que não traga prazer ou satisfação. Além disso, o contato maior que estabelece com a natureza bem como o tempo livre que surge com maior grau nessas comunidades é motivo de um profundo sentimento de bem estar e também um impulso extra para o desenvolvimento da criatividade. Ao perceber que é possível criar um ambiente externo mais simples, os integrantes dessas comunidades alcançam um estado interno mais rico e pleno de sentido, fortalecido pela experiência de uma vida comunitária que envolve troca de saberes, intensificando relações interpessoais, criando um ambiente fértil de partilhas, vivências, criatividade, artes, etc. Trata-se da possibilidade de expressão mais plena da capacidade criativa do indivíduo e da busca por uma mente mais calma e por um coração mais compassivo.

Ainda que apresente fragilidades e desafios, as ecovilas têm se mostrado como sementes importantes de boas práticas para a humanidade. Em 2007, a escocesa Findhorn ¹⁵⁰ divulgou os resultados de um rigoroso estudo feito para saber a pegada ecológica da comunidade ¹⁵¹, cujo conceito calcula a área do planeta Terra que seria necessária para suprir os padrões de consumo (incluindo o lixo) e o estilo de vida de seus moradores e também visitantes. A pesquisa, realizada em parceria com o Instituto Ambiental de Estocolmo, revelou que a ecovila obteve a menor pegada ecológica já registrada no mundo desenvolvido, equivalente à metade da média atingida pelo Reino Unido.

¹⁵⁰ Para saber mais sobre a “mãe das ecovilas” - <http://www.findhorn.org/>.

¹⁵¹ A expressão “pegada ecológica” é uma tradução do inglês *ecological footprint* e refere-se à quantidade de terra e água que seria necessária para sustentar as gerações atuais, tendo em conta todos os recursos materiais e energéticos gastos por uma determinada população. A pegada ecológica é atualmente usada ao redor do globo como um indicador de sustentabilidade ambiental. Pode ser usado para medir e gerenciar o uso de recursos através da economia. É comumente usado para mensurar a sustentabilidade do estilo de vida de indivíduos, produtos e serviços, organizações, setores industriais, vizinhanças, cidades, regiões e nações.

O Relatório Planeta Vivo publicado pela WWF em 2008¹⁵² indica que a pegada ecológica do homem chegou a 2,7 hectares globais por pessoa. Isso significa que o homem necessita em média de 2,7 hectares da superfície terrestre para fornecer os subsídios para a manutenção da sua vida e para receber os resíduos provenientes do consumo. Considerando-se que a área disponível hoje, *per capita*, é de 2,1 hectares, fica evidente que a necessidade por recursos naturais para suprir as atividades humanas e a área necessária para receber os resíduos dessas atividades já superou a capacidade do planeta. Para se ter a exata dimensão do problema, a pegada ecológica dos Estados Unidos chega a 9,4 hectares.

As ecovilas são como um enorme caleidoscópio de ideais para um mundo novo, uma civilização mais sintonizada com o meio ambiente, mais afinada com seus pares, mais consciente dos efeitos que suas ações provocam ao seu redor. Suas conquistas vão muito além das soluções “radicalmente” sustentáveis que desenvolvem. Na verdade, é nas relações humanas e na interação com o meio ambiente que está sua missão de descobrir - por meio da vivência concreta – a viabilidade de novos caminhos para a humanidade.

O planeta Terra clama, dia após dia, por uma civilização que seja capaz de sentir respeito e gratidão pela abundância de recursos que ele nos oferece e que tanto requer formas mais justas de interação e de distribuição. Parece-nos que as comunidades sustentáveis representam uma forma de atitude concreta de respeito à vida humana e à natureza por meio de sua visão de mundo consubstanciada no dito paradigma emergente através de sua proposta de reconexão. A partir do ponto de vista holístico/sistêmico, as únicas soluções viáveis à crise são as soluções sustentáveis desde que o termo seja usado em sua forma “radical”, como visto. Esse é um grande desafio do nosso tempo: criar comunidades sustentáveis – isto é, ambientes sociais e culturais onde possamos satisfazer as nossas necessidades e aspirações, sem diminuir as chances das gerações futuras.

A criação de comunidades sustentáveis, portanto, se mostra como uma saída possível à crise civilizacional. É oportuno salientar que o presente trabalho não propõe que a criação de tais comunidades seja a solução do problema - uma possibilidade de “saída” universal - o que se quer é exaltar a qualidade que as chamadas ecovilas ou comunidades sustentáveis possuem de recusar a visão de

¹⁵² ROSA, A. e FRACETO, L. (Org.) *Meio Ambiente e Sustentabilidade*. Porto Alegre: Bookman, 2012, p. 156.

mundo predominante pautada no individualismo, conflito, conquista e dominação substituindo-os por valores de singularidade, solidariedade, cuidado e criatividade.

O objetivo desta análise foi investigar as comunidades sustentáveis como um espaço que se propõe a criar uma cultura alternativa em relação aos modos de agir e pensar da sociedade moderna. Trata-se de uma cultura diferenciada que oferece resistência a determinados aspectos da cultura da sociedade de consumo baseada no paradigma moderno e que propõe novas formas de vida, relacionamento, solidariedade, lazer e responsabilidade.

Dentro do contexto moderno baseado em um paradigma de cisão e conquista, os seres humanos envolvidos nesse universo individualizante e fragmentado, não se sentem responsáveis pelo mundo em que habitam, incapazes de abarcar a totalidade dos mecanismos que regem suas vidas, num sentimento de estranhamento do mundo, ou seja, em uma sensação de não pertencimento.

Nesse cenário, a vida em comunidade procura reabilitar a experiência sensível do mundo. Na sociedade de consumo, intuição, espiritualidade e imaginação são dimensões da existência que tendem a ficar segregadas da experiência socialmente aprovada, sendo a elas relegado um espaço reduzido e marginal. Nas comunidades estudadas, ao contrário, seus membros procuram integrar essas dimensões em todos os aspectos de suas vidas. Afirmam uma espiritualidade heterogênea estreitamente ligada com os novos saberes ecológicos e com o respeito da alteridade.

Ao proporem uma ligação mais profunda com a experiência sensível, estabelecem, conseqüentemente, uma conexão mais profunda com o lugar e com as pessoas. Cada membro da comunidade passa a ser contemplado em seu modo próprio de ser, de forma inteira e autêntica, seja na convivência diária como por meio de práticas de partilha. A autogestão contribui para que cada indivíduo seja entendido como uma pessoa única e singular, capaz de expressar uma visão própria e de trazer uma contribuição única para o grupo. Da mesma forma, cada indivíduo pode ver as marcas de suas contribuições na sua comunidade, participar das decisões que o afetam, desenvolvendo o senso de pertencimento.

As comunidades sustentáveis se apresentam como um movimento de resistência e, ao mesmo tempo, de proposição de uma cultura alternativa por meio da construção de novos valores e novas formas de ação. São experiências como

essas que nos incentivam ao engajamento, à reinvenção do futuro, à percepção de que alternativas existem e são possíveis. O exemplo dessas comunidades traduz um caminho plausível para uma relação equilibrada e harmoniosa entre o homem e a natureza, entre os homens entre si e entre o homem consigo mesmo.

Segundo Boaventura de Souza Santos ¹⁵³ não basta criar alternativas, é preciso criar uma subjetividade que queira lutar por elas e, também, é preciso que essa energia emancipatória saiba se condensar em atos concretos. Essa nos parece a principal importância das chamadas comunidades sustentáveis: ir além do discurso teórico da sustentabilidade ao desenvolver concretamente sua visão de mundo - com todas as dificuldades e contradições que essa experimentação possa comportar.

Ao embarcarem nesse movimento de busca, nessa reinvenção do mundo que passa pela reinvenção de si mesmo, os integrantes dessas comunidades estão realizando o potencial de liberdade que os seres humanos realmente possuem: a capacidade de criar, de moldar poeticamente suas vidas. Este movimento de busca é de tal grandeza que, quando em comunhão, tem mais chances de se corporificar e de transbordar para além dos limites da comunidade, servindo como inspiração para as futuras gerações.

O que se pretendeu apontar através do exemplo de tais comunidades é a possibilidade de saída do atual estado de apatia em que a humanidade se encontra. O que pode significar o primeiro passo de uma jornada jamais imaginada fora de contextos rotulados como ingênuos, românticos ou utópicos. É a possibilidade de vislumbrar uma realidade amorosa e acolhedora aos homens e à Natureza.

4.2.

Comunidades sustentáveis como ambiente favorecedor para a atualização do verdadeiro *self* winnicottiano

Liberdade é pouco. O que eu desejo ainda não tem nome. ¹⁵⁴

Ela acreditava em anjos e, porque acreditava, eles existiam. ¹⁵⁵

Os projetos de organização social que privilegiam os valores solidários são, com frequência, desqualificados. Seriam propostas utópicas e, portanto,

¹⁵³ SANTOS, B. S. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2008.

¹⁵⁴ LISPECTOR, C. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 50.

¹⁵⁵ Idem. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

irrealizáveis. A maldade original do homem – pecado original, pulsão de morte – tornariam os conflitos inevitáveis e a vida social deveria sustentar-se, necessariamente, na repressão. Esta perspectiva se sustenta em uma concepção determinista e, portanto, imodificável da natureza humana. Nega a radical historicidade do homem, ignorando, ainda, características centrais da natureza humana, como é o caso da sua tendência à empatia.

Essa visão pessimista, de forte inspiração patriarcal, é contestada pelo psicanalista inglês Donald Winnicott que, ao longo de mais de quarenta anos de trabalho clínico e teórico, construiu uma perspectiva historicista do ser humano, unindo o desenvolvimento emocional dos seres humanos às qualidades do ambiente em que se constitui.

O cenário ou ambiente moderno no qual a emergência do indivíduo se dá construiu seu paradigma em torno de uma perspectiva dualista, cuja matriz é a separação do homem em relação à natureza. Essa separação funda um dualismo básico do qual derivaram posteriormente os dualismos que separam o corpo do psiquismo, o sujeito do objeto, o homem da mulher, entre outros, como já analisado. De acordo com esses pressupostos, o ambiente, ou de forma mais específica, a sociedade ocupa um papel repressivo, como o pensamento hobbesiano e freudiano apregoam. Para esses autores modernos a sistemática de análise do social é conflitiva, já que requer a repressão para a constituição do social. Freud entendia que as pulsões naturais do homem deviam ser controladas e reprimidas para que fosse possível a vida social. É conhecida a tese freudiana de que a introjeção do superego representa a vitória da sociedade em relação ao impulso de agressão (pulsão de morte) – que seria um elemento imodificável da natureza humana. Assim, segundo Freud, essa agressão é controlada pela sociedade pelo intermédio da introjeção de uma “consciência moral” através do superego, ou seja, uma repressão operada na cultura. Esse processo sustenta a universalidade do sentimento de culpa e o inevitável mal estar cultural que, para o autor, são indissociáveis da vida em sociedade.

Por essa teoria repressiva, a relação entre homem e sociedade torna-se necessariamente conflituosa, o que gera uma perspectiva individualista, pois pensa não a constituição do indivíduo, mas seu funcionamento no processo de socialização. Dessa forma, o entendimento moderno da necessidade de processos repressivos para que a constituição do social se faça possível, representa

a adoção da teoria segundo a qual o indivíduo precede a sociedade, diferenciando-se os processos de constituição da subjetividade dos processos de socialização do sujeito, o que representa uma clara abordagem individualista da constituição do sujeito – um dos pressupostos fundamentais do paradigma moderno.

Winnicott elabora uma perspectiva oposta à acima exposta acerca do indivíduo e de suas relações com a sociedade. Sua abordagem permite pensar a emergência da singularidade no bojo do processo de socialização. Nesse sentido, Winnicott recusa o determinismo da natureza, adotando uma perspectiva histórica da constituição do indivíduo – com base na singularidade de sua experiência. O autor inglês afirma a existência da tendência natural do homem ao sentimento de empatia, tendência que, com a mediação de uma atitude cuidadosa do ambiente, possibilita a emergência de um indivíduo capaz de estabelecer espontaneamente relações sociais pautadas por valores éticos.

Outra divergência igualmente fundamental em relação aos autores modernos refere-se à problemática da fantasia. Nas palavras de Plastino:¹⁵⁶

Concebida por Freud como expressão de uma patologia na qual se exprime a dificuldade do indivíduo de aceitar a frustração imposta pelo princípio de realidade, a fantasia é, para Winnicott, atributo fundamental da espécie humana, expressão de sua capacidade de elaboração imaginária de suas experiências, alicerce da sua criatividade e mediação necessária nas suas relações com o mundo dos objetos. A aplicabilidade de ambas teorias não se limita, obviamente, à prática clínica: são portadoras de concepções antropológicas fundamentais, tendo, portanto, importantes consequências sobre as ciências sociais. Estas ciências, frutos das concepções paradigmáticas da modernidade, incorporam, geralmente de forma acrítica, a concepção antropológica dualista, fazendo com que concepções antropológicas radicalmente diferentes, como é o caso da elaborada por Winnicott, tenham forte impacto sobre suas concepções básicas.

De acordo com Winnicott, a tendência a agir criativamente é natural no ser humano, mas, para que possa exercê-la, é preciso dispor de uma base a partir da qual operar, base esta que consiste no sentimento de existência conquistado pelo indivíduo, não sendo, portanto, uma percepção consciente. O indivíduo possui um potencial inato em seu desenvolvimento emocional, porém, apenas inserido em um “ambiente suficientemente bom”, isso é plenamente realizável.

¹⁵⁶ PLASTINO, C. A. *Vida, criatividade e sentido no pensamento de Winnicott*. Rio de Janeiro: Garamond, 2014, p.146.

Winnicott parte do conceito de psicossoma¹⁵⁷ como dado natural a sustentar a emergência do indivíduo, o que acaba por superar o dualismo moderno entre corpo/psiquismo. Na concepção do autor, o psicossoma é portador de uma série de tendências que integram sua própria forma de ser. Para que essas tendências, embora espontâneas, se concretizem, a existência de um ambiente favorável se faz necessária. Ambiente esse que Winnicott denominou de “mãe suficientemente boa”.

Entre as tendências postuladas por Winnicott, convém destacar ¹⁵⁸: a) a tendência à fusão da motilidade com o erotismo; b) a tendência à integração do indivíduo; c) a tendência a sentir-se preocupado pelas consequências de seus atos; d) a tendência à emergência espontânea de um sentimento moral.

Cada uma dessas tendências requer, portanto, para sua concretização, um ambiente favorável, entendendo-se por ambiente favorável aquele que, ao invés de se impor ao sujeito, bloqueando a espontaneidade de suas tendências, lhe permite vivenciar a ilusão de onipotência e a experiência da criação, tão fundamentais para a teoria winnicottiana.

A “mãe suficientemente boa” é entendida por Winnicott como aquela dotada de uma “preocupação materna primária” - um estado em que a mãe atinge o mais alto grau de identificação com seu bebê - ela “saca” o que seu bebê precisa na dose certa e no momento adequado. Toda essa “sacação” brota instintivamente, criando um ambiente facilitador ao desenvolvimento do bebê. Fato é que este período acaba por naturalmente se desintegrar ocorrendo para o bebê a diferenciação da figura materna. Conduzida essa etapa do desenvolvimento do bebê de forma adequada, ele passa a aceitar a alteridade através de um movimento erótico, completamente em oposição ao princípio da realidade freudiano que tinha por base a repressão. Com a aceitação erótica da diferenciação, o bebê conquista o sentimento de concernimento, igualmente em oposição ao sentimento de universalidade do sentimento de culpa freudiano.

O ambiente é, portanto, constitutivo do sentimento ético, não no sentido de que se deva impor algo ao sujeito em formação, como entendia Freud, mas no sentido de favorecer o desenvolvimento de potencialidades contidas na sua forma

¹⁵⁷ A ideia de psicossoma winnicottiana engloba corpo e psiquismo constituindo, assim, uma virada antropológica em relação ao pensamento moderno reducionista.

¹⁵⁸ PLASTINO, C. A. *A cidadania como pertencimento: uma reflexão a partir da psicanálise*. In: Revista Trabalho, Educação e Saúde – Fiocruz, Rio de Janeiro, v.4, nº 2, p.385-394, 2006.

de ser natural. Ou seja: quando o ambiente favorece a atualização das potencialidades do indivíduo, há a emergência espontânea do sentimento ético.

E esse ambiente apenas é entendido como favorecedor quando há o acolhimento do indivíduo através de um processo comandado pelo erotismo, com o profundo reconhecimento de sua singularidade e alteridade. Essa ênfase na tendência inata ao desenvolvimento e à autocriação caracteriza o que se pode chamar de vitalismo winnicottiano que assinala a convicção de Winnicott quanto ao fato de sermos, antes de sujeitos da cultura, seres vivos, naturais.

O referido ambiente favorável pode ser entendido, então, como aquele que apreende e aceita a singularidade e a diferença de cada indivíduo. Esse processo de apreensão e aceitação, para a teoria winnicottiana, é fundamental, pois gera a confiança do sujeito em formação no ambiente. Essa atitude possibilita a atualização das tendências espontâneas, permitindo a emergência do que Winnicott denominou de “verdadeiro *self*”.¹⁵⁹

Winnicott afirma logo na introdução que fez para seu livro *Natureza Humana*¹⁶⁰ que sua tarefa é o estudo da dita natureza humana. Para isso, diz ele, é preciso observar como das interações primárias do “animal individual humano” com o ambiente surge um “emergente”, um *self* capaz de perceber-se como algo ligado ao próprio corpo numa unidade psicossomática, dotado do sentimento de continuidade da existência, consciente de suas relações de dependência e responsabilidade em relação aos outros, apto a experimentar sentimentos de amor e ódio e a intervir criativamente no mundo.

A noção de verdadeiro *self* é utilizada por Winnicott para acentuar a fonte natural da experiência subjetiva, sendo entendida como o produto da atividade autocriativa do sujeito. Seu contorno conceitual é propositalmente vago e visa fundamentalmente a indicar a experiência incomunicável de simplesmente estar vivo, da qual surge o gesto espontâneo que representa o verdadeiro *self* em ação.

O verdadeiro *self* corresponde ao potencial pessoal e é fonte de liberdade e do sentimento de continuidade do ser. A noção de “falso *self*”, em oposição, abrange um espectro que vai dos mecanismos de proteção ao verdadeiro *self* nos

¹⁵⁹ O conceito de verdadeiro *self*, fundamental no pensamento winnicottiano é um conceito cuja compreensão é indissociável do papel atribuído à criação, que constitui uma exigência imposta ao processo de subjetivação de cada indivíduo dentro de um ambiente considerado “suficientemente bom”.

¹⁶⁰ WINNICOTT, D. *A natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

estados de saúde às estruturas patológicas em que este é desconhecido ou ocultado como consequência da ausência do sentimento de confiança, suscitando mecanismos de defesa extremamente rígidos e sufocadores da espontaneidade e da criatividade. A atualização do verdadeiro *self* exige apenas que seja respeitada a espontaneidade de manifestação da vida, permitindo ao indivíduo o exercício de autocriação.

O autor inglês entende que o indivíduo tem direito ao reconhecimento de sua singularidade. Nesse contexto, a ideia de espontaneidade é para ele muito importante: o sujeito tem de ter uma vida vivida na espontaneidade. Ele tem que ser o que virtualmente é – atualizar seu verdadeiro *self*. É, portanto, a espontaneidade expressão da tendência da natureza humana à liberdade, que constitui a condição fundamental da criatividade. Winnicott sustenta, portanto, a necessidade de respeito à singularidade de cada um, facilmente perceptível para o olhar empático. Não ignora que, em cada ser humano que nasce manifesta-se de maneira singular a expressão da natureza dos seres. Mas não há normatividade alguma nesse “natural” que singulariza cada ser. Esse natural só pode ser apreendido como virtual, tendencial, cujo efetivo vir a ser resultará do saber espontâneo na experiência singular de cada um.

De acordo com Plastino:¹⁶¹

(...) se a espontaneidade for sufocada por um ambiente intrusivo, a criatividade será destruída, produzindo-se um estado de desesperança no indivíduo. É nesse estado que o indivíduo sente que a vida não vale a pena ser vivida. Dado que ninguém é independente do ambiente e dada ainda a extrema dependência inicial do ser humano em relação a seu ambiente primário, a vivência da liberdade supõe que esse ambiente respeite a espontaneidade do movimento da vida em cada ser humano.

Em linhas gerais, o *self* é considerado verdadeiro quando produto de sua espontaneidade, e falso, quando sua criatividade é sufocada quando o processo de produção de sua subjetividade é marcado por um ambiente intrusivo, não acolhedor. Segundo Plastino¹⁶², o sufocamento do verdadeiro *self* é verificado clinicamente na ausência ou fraqueza no indivíduo do sentimento de existir e do sentimento de que a vida vale a pena ser vivida.

Em tal estado de apatia vigora o que Freud denominou de necessidade do sentimento de culpa e do mal estar universalizante. Para Freud, esse sentimento

¹⁶¹ PLASTINO, op. cit., 2014, p. 148.

¹⁶² PLASTINO, op.cit., 2006, p. 11.

representava uma essência imodificável - a pulsão de morte - diferentemente do entendimento winnicottiano que trata a questão do falso *self* como uma modalidade histórica, contingente de produção da subjetividade humana.

A teoria winnicottiana constrói uma perspectiva radicalmente diferente da perspectiva moderna, pois não determinista, tampouco essencialista, já que entende a emergência do indivíduo na sua interação com o ambiente. E quando esse ambiente é favorável (quando acolhedor), possibilita que o sujeito se desenvolva conforme sua diferença e singularidade, possibilitando o encontro de seu verdadeiro *self*.

Nas palavras de Plastino,¹⁶³

Ao produzir-se na sua singularidade, o sujeito emerge do coletivo, dele se diferenciando, ao mesmo tempo em que tem nele seu ambiente vital, condição imprescindível para sua emergência.

É por isso que é possível afirmar que o ser humano está radicalmente inserido na natureza e radicalmente inserido na história. Sendo constitutivo da subjetividade, o ambiente é também constitutivo do sentimento ético, não no sentido de impor algo ao sujeito em formação, mas no de favorecer o desenvolvimento de potencialidades contidas na sua forma de ser natural.

Como apresentado, Winnicott apreendeu a descrição da vida como um processo contínuo de interação entre organismos e o ambiente, numa dinâmica em que os dois polos, em vez de serem postulados como independentes e externos um ao outro, se entrelaçam em um processo de constituição recíproca. Seus escritos buscam oferecer uma visão mais abrangente da experiência humana, na qual natureza e cultura se apresentam mais sob o signo da complementaridade que do conflito.

O ambiente, como demonstrado, é decisivo no transcurso de toda a vida do indivíduo. Winnicott postula que:¹⁶⁴

(...) No período da dependência absoluta, o ambiente é constituído por quem exerce o papel materno, passando depois a incluir as pessoas que constituem as relações primárias e iniciais do indivíduo. Progressivamente, o papel do ambiente é assumido pelo conjunto da sociedade e se exprime através das modalidades de relacionamento social que estabelece com os indivíduos. O reconhecimento dos direitos de cada indivíduo e de sua singularidade, assim como o respeito por sua espontaneidade e criatividade, em um contexto desprovido de relações de opressão e exploração, constituem um ambiente suficientemente bom para

¹⁶³ Ibidem, p. 12.

¹⁶⁴ Apud PLASTINO, op. cit., 2014, p. 159.

favorecer a expansão de tendências naturais tal como o concernimento e a empatia. O ambiente suficientemente bom é então a sociedade democrática, ela própria projeto inacabado e em processo. Considerar ingênua a expectativa de uma sociedade humana organizada em torno de valores de solidariedade e empatia, substituindo valores individualistas e competitivos, equivale a considerar ingênuo o trabalho orientado a construir sociedades verdadeiramente democráticas. Winnicott não projeta nenhum paraíso terrestre e não desconhece que a vida não é fácil. Mas sua experiência levou-o a abandonar os pressupostos que sustentam a maldade como característica natural imodificável do humano, ao mesmo tempo em que lhe ensinou o significado da criatividade humana e a necessidade de rejeitar o determinismo nos saberes sobre a vida. Grifo nosso.

A sociedade democrática é, para Winnicott, o ambiente suficientemente bom para favorecer a expansão de tendências naturais do indivíduo como o concernimento e a empatia. O que se quis ressaltar através do estudo das chamadas comunidades sustentáveis é entendê-las como expressão deste ambiente favorável.

Winnicott aponta que, em certos momentos, em determinada sociedade, há maturidade suficiente no desenvolvimento emocional de uma proporção suficiente de indivíduos que a compõe, a ponto de existir uma tendência inata em direção à criação, à recriação e à manutenção da máquina democrática. A hipótese apresentada pelo presente trabalho tem como objetivo demonstrar que as chamadas comunidades sustentáveis, baseadas nos pressupostos do paradigma sistêmico/holístico, constituem um ambiente favorável para a emergência do indivíduo e, principalmente, para a atualização do seu verdadeiro *self*, pois estimulam sua intervenção criativa no mundo.

Isso porque, tais comunidades, alicerçadas pelos paradigmas emergentes não-duais, possuem como característica fundante o respeito à singularidade de cada componente do grupo, sendo um cenário propício à emergência da espontaneidade e da criatividade de cada um de seus membros. Por não se coadunar com os pressupostos modernos, principalmente com o dualismo ser humano/natureza, tais comunidades representam um modelo de ambiente acolhedor do indivíduo, respeitador de suas especificidades, permitindo o exercício de autocriação necessário para o respeito da espontaneidade de manifestação da vida. Como visto, são ambientes caracterizados pelo acolhimento amoroso do outro enquanto autêntico outro, se distanciando do ambiente moderno pautado pela ameaça e repressão.

